

**PHILÉAS LEBESGUE: ECOS FRANCO-LUSÓFONOS
DA SEARA NOVA NO MERCURE DE FRANCE**

Joaquim Pinto

No dealbar dos primeiros anos do século XX, a Europa fervilha imersa num caldeirão de *ismos*, ideias, ideários e esperanças que agitam os seus velhos e calcificados alicerces culturais, filosóficos e político-ideológicos na sequência das turbulências aportadas pelos séculos XVIII e XIX: o Iluminismo, o Enciclopedismo, a Revolução Francesa, clamando por novas estruturas organizadoras, novos sistemas estruturantes, em suma, por novos rumos e novos sentidos.

É neste contexto revolucionário para as mentalidades e reformista para organizações políticas e económicas e instituições culturais que se formam alianças e eixos ou vasos comunicantes entre os povos e as suas elites, a *intelligentsia* de cada nação, privilegiando matrizes e traços comuns, procurando, também, mútua validação, prestígio e reconhecimento internacional.

No sentido mais nobre do termo, estes vasos comunicantes alimentavam uma imbricada techedura de influências e de solidariedades intelectuais que tinham os seus pontos nevrálgicos de contacto, de ignição e de expansão a partir dos laços de fraternidade entre artistas e pensadores cujas ideias e obras fluíam, sobretudo entre as culturas francesa e lusa, na contextura dos movimentos que protagonizavam no então caldeirão cultural europeu, não obstante, também, com ligações ao Brasil e ao Leste da Europa. Tratava-se de uma certa forma de globalização, porventura, bem diversa daquela que ora experienciamos. A tónica destes contactos estava colocada não nos mercados e na circulação de produtos ou artefactos, mas na circulação de ideias, de movimentos artísticos, de livros, revistas e obras. O que se procurava era, de acordo com a lógica racional e educativa aberta pelos autores iluministas franceses e pelos movimentos revolucionários e reformistas saídos do rescaldo da Revolução Francesa, prosseguir com o esforço educativo das classes mais desfavorecidas, mas também mais numerosas e produtivas, identificadas pelos movimentos republicanos ou por simpatizantes afins com as causas, tendencialmente, mais democráticas e mais 'laicizantes', 'ecuménicas', 'tolerantes', abertas e pluralistas. Este sistema de vasos comunicantes transcendia fronteiras políticas, por vezes até

ideológicas, e nacionalismos, postulando uma espécie de internacionalismo cultural e cívico, ainda que, por vezes, perturbado pelos abalos sísmicos aquando do primeiro e do segundo conflitos bélicos mundiais. Ainda aqui se irmanavam alguns destes *ismos* europeus, propriamente nas direcções franco-lusófonas e luso-francófonas, na identificação de empatias libertárias ou liberalizantes comuns e de ‘co-solidárias’ antipatias, mormente centradas nos germanismos e totalitarismos de cariz mais autocrático. Desde a Idade Moderna, gerações de estrangeirados, os protagonistas da famosa Geração de 70, ainda que auto-reflectida como a dos ‘vencidos da vida’, e a geração da Renascença faziam eco dos ventos de mudança que iam aportando a Portugal, mas que também de Portugal dimanavam para o mundo.

É neste sentido que a divisa da icónica revista do *Mercure de France* assume papel particular e universalizante de estandarte no âmbito cultural europeu quando afirma, nas palavras, várias vezes reiteradas, do seu diretor Alfred Vallette: «Au *Mercure* on peut tout dire» [«No *Mercure* tudo pode ser dito»]. É no contexto do movimento simbolista de França que Philéas Lebesgue (1869-1958) aporta ao *Mercure*, por volta de 1896, pela mão do poeta simbolista português Eugénio de Castro (1869-1944), que já então pontificava nos meios simbolistas franceses e, por essa via, na espécie de uma tal ‘Internacional’ do Simbolismo¹ que era, ao tempo, o *Mercure*, iniciando, desse modo, a sua colaboração regular, marcada desde o seu início pelo seu interesse fraterno pela cultura lusa da qual continuará a ser um apaixonado cultor e divulgador em França e no resto da Europa. Oriundo de Oise, na Picardie, descendente de humildes agricultores desta região, o autodidacta Lebesgue conjuga a sua pertença à terra e ao seu cultivo com a sua erudita actividade de prolífico escritor e poeta, filósofo, Grande Druida das Gálias e redactor do *Mercure*, cultivando, de igual modo, contactos privilegiados com Portugal, Grécia e Jugoslávia, entre outras latitudes para onde os seus interesses linguísticos e literários o levam e para onde se desloca e convive com outros confrades das letras e das lides culturais e até também políticas. O ‘poeta-camponês’ [le poète-paysan], como alguns lhe chamam (mormente Jean-Pierre Crespín), é também um reconhecido linguista do seu tempo, bem como um tradutor poliglota (segundo muitos dos seu contemporâneos, como Émile Guillaumin), correspondendo-se com os seus e as suas confrades nas letras, nos seus idiomas originais e

¹ A expressão é de Maria Teresa Rita Lopes. *Fernando Pessoa et le drame symboliste: héritage et création*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1977.

colaborando em diversas revistas, como, para citar apenas um curto índice da sua colaboração em publicações portuguesas: *A Águia*, a *Atlântida*, *O Instituto*, *O Mundo*, *Prometeu*, e a *Seara Nova*, que por ora nos ocupa. Lebesgue alia a *pena à enxada*, segundo a dicção poética de um dos seus grandes amigos portugueses, Teixeira de Pascoaes, num poema, aliás publicado no número 35, da *Seara Nova*, em 1924: «O poeta e o cavador! A pena é a irmã da enxada.// A página dum livro é terra semeada.»²

Esta mutualidade atrativa entre Lebesgue e a cultura portuguesa começa por gizar-se pela proximidade entre os simbolismos luso e francês e as revistas *Mercure* e *A Águia*, mas há-de conhecer, também, a reflexão não apenas dos seus aspectos identitários, como, de igual modo, das suas diferenças. Estas serão teorizadas pelo grande «amigo» e «confrade», ou mesmo o «irmão de alma» de Philéas Lebesgue em Portugal, Teixeira de Pascoaes, precisamente nas páginas d' *A Águia*³, epítetos com que os dois amigos bastas vezes se brindam. François Beauvy, presidente da Sociedade dos Amigos de Philéas Lebesgue, considera na sua tese de doutoramento, *Philéas Lebesgue et ses correspondants en France et dans le monde de 1890 à 1958*, até mesmo exemplares, no âmbito das relações que Lebesgue tende a estabelecer com os seus inúmeros correspondentes escritores e artistas bálticos, russos, jugoslavos, gregos, romenos, portugueses e sul-americanos, aquelas que mantém com os três primeiros presidentes da, então, jovem república portuguesa: Teófilo Braga, Bernardino Machado ou Manuel Teixeira Gomes, entre os anos de 1910 e 1926, antes do regime encabeçado por Carmona e Salazar, relações que se prolongam significativamente no tempo e acompanham o exílio de alguns dos escritores e políticos posteriormente afastados⁴. Qual a razão deste pendor lusófono lebesguiano, poderemos interrogar-nos? Trata-se de um particular gosto cultural 'internacionalista' que levará Lebesgue a ser um dos mais respeitados, estimados e desejados colaboradores de Revistas tão cruciais para a cultura portuguesa como *A Águia* e o *Mercure*.

² Trata-se de um poema intitulado "Os Cavadores" extraído de *Vida Etérea*, Teixeira de Pascoaes, in *Seara Nova*, nº35. 15 de Maio de 1924, p.218.

³ Sobre o encontro e a amizade literária entre os dois poetas-filósofos V. Adgatia Vatos, *A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes, A Revista da Tradição Lusitana*, nº 8, Novembro, 2017.

⁴ Beauvy, François, *Philéas Lebesgue et ses correspondants en France et dans le monde de 1890 à 1958*, Ed. Awen, 2004, V., notavelmente as pp.198 a 207, o capítulo intitulado *Le condident des présidents de la République du Portugal exilés*, onde, demorada e pormenorizadamente o Autor aborda as circunstâncias desta problemática.

Achar-se-á, porventura, também, a resposta a esta interrogação cifrada, em parte, na expressão «profeta do panlusismo»⁵ evocada por Lebesgue nas páginas do *Mercure* a propósito da recensão d'Os Poetas Lusíadas (de 1919) de Pascoaes, por si inscrita, no domínio aberto por um espaço cultural peninsular, galaico, basco, catalão e liberto dos constrangimentos imperiais impostos pela tutela política castelhana.

A participação de Lebesgue nas páginas da *Seara Nova*, *Semanário de Doutrina e de Crítica* pode dividir-se em três tipos de colaboração: artigos que correspondem a transcrições autorizadas de artigos de algum fôlego publicados pelo autor, originalmente no *Mercure*, ou citações mais curtas retiradas de publicações do Autor, nas quais faz referências ou críticas elogiosas e lúcidas à *Seara Nova*; mas também a alguns artigos ou *Cartas de França*, expressamente reservadas para a *Seara*, onde o Autor, além de dar conta da realidade dos acontecimentos culturais em França, estabelece ligações e paralelos com a situação portuguesa, europeia e mundial. Estes últimos artigos referem se, muito especialmente, à situação tanto da França como de Portugal imediatamente após o primeiro e o segundo conflitos bélicos mundiais.

Philéas Lebesgue é, talvez, dos poucos intelectuais europeus que parece ter mais cabalmente entendido que o aparente 'nacionalismo' ou mesmo o 'regionalismo' do movimento da Renascença Portuguesa e o igualmente aparente 'internacionalismo' do movimento da *Seara Nova* emergem de uma importante coincidência com movimentos afins que, ao tempo, ocorriam em França, Galiza e Inglaterra, de forma, porventura mais consciente, aberta e significativa: a reconsideração da ideia basal de diferentes expressões de uma Cultura Céltica comum, sobre a qual se procurava re-alicerçar uma ideia de 'patriotismo' matricial, baseada num pan-celtismo que só se poderia expressar a partir de uma ideia de uma ética da liberdade e do direito à autodeterminação dos povos quanto à expressão da sua língua, cultura e tradições autóctones. Ideia 'capturada' e feita refém – desvirtuada em absoluto - por uma versão pan-germânica bélica, inspirada no modelo fascista italiano, decalcado da essência autoritária do antigo imperialismo romano⁶, que haveria de, por duas vezes, consecutivas, incendiar a Europa

⁵ Philéas Lebesgue, *Portugal no Mercure de France. Aspectos Literários, Artísticos, Sociais de Fins do Séc. XIX a Meados do Séc. XX* (tradução e coordenação de Madalena Carretero Cruz e de Liberto Cruz), Roma editora, Lisboa, 2007, p. 394.

⁶ Num artigo publicado N.º 1000-1007 de 26 de Outubro de 1946 com a indicação «reservado para a *Seara Nova*» intitulado *Acima da Força* escreve Lebesgue: «Roma, cujo prestígio

e o Mundo e que, na verdade, do ‘celtismo’ colhia apenas uma manifestação meramente folclórica.

Lebesgue é um dos poucos intelectuais que vê para além da oposição entre um certo cientismo e positivismo, como, aparentemente, o de Raul Proença e António Sérgio (origem da famosa polémica sobre o Saudosismo, entre outras...) e o humanismo universalizante de Pascoaes e Leonardo Coimbra, compreendendo, não a contradição – aparente - mas a complementaridade⁷. É desta ideia que nos dá conta a sua participação no número 17, de 1 de Setembro de 1922, num artigo intitulado *O Mercure de France e a Seara Nova*, que corresponde à transcrição de um artigo de Philéas Lebesgue sobre a *Seara Nova* no *Mercure*. Aqui, segundo os seareiros, «o grande amigo de Portugal» descreve Jaime Cortesão e Raul Proença como «Espíritos lúcidos», imbuídos de «método científico», e por essa razão, tanto equidistantes de um «cego misticismo revolucionário», quanto de um «estreito tradicionalismo» fechado sobre si mesmo, procurando, assim, exercer sobre a sociedade portuguesa «uma espécie de poder espiritual», afastando-se dos cenários políticos e procurando, antes, por meio de uma atitude reformadora educativa, contribuir para mudanças significativas na ordem económica e social. «Ce sont donc avant tout des moralistes», conclui, que procuram, para além de toda a humana possibilidade de errar nestes desígnios, corajosos, perigosos, mas generosos, melhorar a sociedade humana por meio do aumento do valor do indivíduo, pois, de acordo com as palavras de Jaime Cortesão, que cita, *a individualidade mais livre e mais perfeita será aquela que poderá atingir a maior e a mais generosa universalidade*. E Lebesgue prossegue na sua reflexão sobre a *Seara*, validada pela transcrição na própria *Seara* desta sua referência, identificando o que acredita ser os três movimentos que animam ao tempo a cultura portuguesa, a saber: um cientismo herdeiro do espírito experimentalista dos Descobrimentos, a herança moral de um espírito pombalino que teria

assentava no culto da Força, considerada geradora do Direito, veio arruinar em parte a herança moral do Ocidente.» que antes das conquistas europeias do Império Romano assentava numa noção de «honra» cuja origem mais remota e autêntica radicava nas instituições mais «primitivas» e arcaicas gregas das «anfictionias» (ligas religiosas, que na grécia arcaica, antes do domínio das *polis*, reuniam os povos em assembleias espirituais e políticas cerca dos oráculos e dos templos sagrados, como as anfictionias de Argos do templo de Hera, as Termópilas do templo de Deméter, ou a de Delfos do templo de Apolo), das tradições órficas e pitagóricas, do «Druidismo», entre outras, como algumas reminiscências medievais francesas destes cultos muito antigos.

⁷ A propósito destas tensões V. Adgatia Vatos, *A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes*, *A Revista da Tradição Lusitana*, nº 8, Novembro, 2017, nota 15.

engendrado o espírito revolucionário do povo, que se oporia, agora, a um Sebastianismo que perduraria no Saudosismo filosófico (mais emocional) e no Integralismo (mais dogmático), identificando a origem deste último com o nacionalismo francês. Para Lebesgue, este fenómeno particular e a sua tríplice manifestação seria caracteristicamente português, fazendo a sua diferença específica relativamente a outros países.

O que daqui ressalta é uma perspectiva ‘neutral’, geral e panorâmica, mas necessariamente ‘desengajada’ de capelinhas literárias ou de intrigas políticas que Lebesgue tem dos vários movimentos culturais portugueses. Esta será, sem dúvida, uma das coisas que os seareiros, porventura, apreciaram nas suas análises. Necessariamente distante do turbilhão dos movimentos e dos *ismos* portugueses, tanto literários como políticos, Lebesgue pensa e escreve, à janela da respeitada cultura francesa, acerca da cultura portuguesa que ama e respeita, mas sobre a qual mantém uma perspectiva que pretende que seja justa e equilibrada. Além de ser sagaz nas suas análises e virtuoso na sua escrita, tem uma isenção que lhe dá credibilidade e prestígio. A sua prodigiosa erudição, a sua infatigável curiosidade e a sua generosa abertura intelectual proporcionam-lhe um contínuo contacto epistolar com uma miríade de intelectuais europeus, brasileiros e até da América latina. A publicação dos seus textos na *Seara Nova* confere, à revista e aos seus mentores, reconhecimento internacional tanto francês como latino.

Interessado, sobremaneira, naquilo a que chama na sua *Carta de França*, no número 98, da *Seara*, de «gérmen de futuro», Lebesgue põe os seus leitores portugueses a par do que se passa em França, sobretudo a nível editorial. Se já na sua recensão à *Seara*, anteriormente descrita, sublinhara a origem mais Celta, a seu ver, do que semita do Sebastianismo luso, aqui, na *Carta de França* sublinha a pertença atlântica de uma identidade comum, vivida sob a «influência de um clima impregnado de brumas, com a sua nostalgia celta, que incentivaria à ação e à aventura, uma matriz que não poderia porvir «simplesmente» de «especulações da inteligência pura». Haveria, então, um gosto da «Aventura e da Experiência» como um «Mal des Ardents» atlântico de que a poesia seria o seu «supremo guia», pois ela «afirma a fundamental identidade entre o Sujeito e o Objeto». Todo um programa lírico e existencial que irmanaria as culturas lusa e a das Gálias. Crê Lebesgue que interessará aos leitores portugueses e peninsulares saberem da publicação de «um tesouro antigo e imenso», a narrativa que «revive a misteriosa aventura de navegadores desconhecidos, perdidos para as bandas do ocidente: Le merveilleux voyage de Saint Brandon à la recherche du Paradis», uma

das muitas histórias lendárias tradicionais de mitos celtas readaptados à recém-chegada cristianização da costa atlântica (referindo-se ao século XI). Referência visionária que irmana no mesmo caldo cultural a herança celta comum – pan-céltica – dos povos peninsulares da costa atlântica e da costa francesa.

Já no rescaldo da IIª Grande Guerra, num artigo publicado em 1946 com a indicação «reservado para a Seara Nova», com o título *Acima da Força*, descreve Lebesgue qual deverá ser o caminho da França e, subentende-se, dos povos colonizados pela ocupação romana imperial da antiguidade que põe em paralelo com a situação de desapossamento de *valor* vivido pelos povos que padeceram da ocupação fascista e nazi. Um texto complexo que talvez não tenha sido, ainda, suficientemente meditado. Como já vimos, é estabelecida uma relação direta e simbólica entre o fascismo italiano e o império romano, mas o texto também afirma a necessidade da refundação de valor – de *honra* e de *justiça* – não fundeada na noção de Direito romano, enquanto direito imposto pela «Força» aos povos colonizados⁸, mas na «Livre escolha», algo radicalmente diverso de «ficções puramente jurídicas». A ideia de «Ocidente» enquanto território físico, mas também moral e espiritual é aqui defendida enquanto tradição pré-romana: balizada na antiguidade arcaica grega pré-clássica, délfica⁹, na Tradição Druídica muito cara a Lebesgue e nas reminiscências destas durante a Idade Média. Estas preocupações e chamadas de atenção podem também ser lidas no contexto jurídico dos julgamentos dos crimes de guerra perpetrados pelas nações perdedoras. Acima do «culto da Força», literalmente, nas palavras do Autor, «geradora do Direito» romano, outro *valor*, esse sim, genuinamente Ocidental se levantaria. Um *valor* que não consiste no *confisque* dos «tesouros espirituais dos povos subjugados» e na sua conseqüente *aniquilação* para «(...) exclusivo proveito material» dos povos ou nações conquistadores.

⁸ A revisitação crítica que António Sérgio faz da ocupação peninsular que o Império Romano praticou é similar à de Lebesgue em muitos pontos, como se pode constatar em António Sérgio, “Lusitanos e Romanos”, in *Obras Completas. Ensaios*, Tomo VIII, Edição Crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1974, p. 47; ou, ainda, sobretudo em António Sérgio, “Espectros”, “Ainda os Espectros”, in *Obras Completas. Ensaios*, Tomo I, Edição Crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1971, pp. 179 e 196.

⁹ Vide nota 6 deste artigo.

Romanidade e latinidade seriam, assim, coisas diversas. E uma irmandade marítima (os muros e as fronteiras territoriais não são de natureza salgada e líquida) uniria na mesma aventura ardente da viagem e da descoberta, em partilha de Mediterrâneo e Atlântico, os povos ribeirinhos das costas bretãs, galegas e portuguesas... Uma realidade ‘nova’ ou um ‘novo humanismo’ radicado não na letra dos tratados herdados do Direito Romano, mas descrito pelas linhas livremente abertas pelas quilhas dos barcos das viagens de descoberta e pelo ‘sopro’ poético dos ‘novos bardos’ que as nararam. Com outros protagonistas e outros conflitos e sequelas segue hoje, o mundo. O embate e o paradoxo entre a persistência da *Força* e a resiliência da *Justiça* permanecem, porventura, os mesmos. Daqui, também, estas palavras proféticas de Lebesgue:

O espírito de Pitágoras e dos Druidas revive em Dante, e é este mesmo espírito que constitui o âmago do gênio de Virgílio. Em Mussolini perpetuam-se os ferozes apetites da Loba. E o hálito da Loba por mais de uma vez viciou o próprio Cristianismo. (...) // Acima da *Força* está a *Justiça*. (...) Tratemos de fazer com que o Direito escrito não se limite a sancionar as tropelias da Força. De outro modo não poderá haver paz duradoura.

Referências bibliográficas

- Beauvy, François, *Philéas Lebesgue et ses Correspondants en France et dans le Monde de 1890 à 1958*, Ed. Awen, 2004,
- Cameirão, Lurdes da Conceição Preto, *Antologia Epistolográfica de Autores dos sécs. XIX-XX*, Instituto Politécnico de Bragança, 1999.
- Lebesgue, Philéas, *O Mercure de France e a Seara Nova*, in *Seara Nova*, N.º 17, 1 de Setembro de 1922, p. 73.
- *Philéas Lebesgue*, in *Seara Nova*, N.º 98, pp. 28-30.
 - *As nossas edições*, in *Seara Nova*, N.º 232, 1 de Janeiro de 1931, As nossas edições, pp. 242, 255.
 - *As nossas edições*, in *Seara Nova*, N.º 384, 12 de Abril de 1934, p. 379.
 - “*Regressos*” e “*Novelas Eróticas*”, in *Seara Nova*, N.º 509, 13 de Maio de 1937, p. 95.
 - “*A sombra dos mortos*”, romance por Ruy Sant’Elmo, in *Seara Nova*, N.º 596, 14 de Janeiro de 1939, As nossas edições, p. 294.
 - *Obras completas de M. Teixeira Gomes*, in *Seara Nova*, N.º 618, 17 de Junho de 1939, p. 350.
 - “*Páginas de Política*”, de Raúl Proença, in *Seara Nova*, N.º 620, 1 de Julho de 1939, As nossas edições, p. 31.
 - *Acima da força*, in *Seara Nova*, N.º 1000-1007, 26 de Outubro de 1946, p. 118.
 - *Algumas opiniões sobre João de Barros*, in *Seara Nova*, N.º 1242-1243, 22 e 29 de Dezembro

- de 1951, p. 662.
- *Lau-dela des Grammaires*, in *Mes Semailles*, L'Amitié Par Le Livre, 1979.
 - *Paroles Devant Le Soleil*, in *Mes Semailles*, L'Amitié Par Le Livre, 1979.
 - *Portugal no Mercure de France. Aspectos Literários, Artísticos, Sociais de Fins do Séc. XIX a Meados do Séc. XX* (tradução e coordenação de Madalena Carretero Cruz e de Liberto Cruz), Roma editora, Lisboa, 2007.
- Lopes, Maria Teresa Rita, *Fernando Pessoa et le drame symboliste: héritage et création*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1977.
- Massa, Jean-Michel, 'Prefácio', in *Portugal no 'Mercure de France'*, Roma Editora, Lisboa, 2007.
- Pascoaes, Teixeira de, "Os cavadores", in *Seara Nova*, N.º 35, 15 Maio, 1924, p. 218.
- Pinto, Joaquim, "Druidade: para uma Ética Espiritual na Tradição Celta", in *A Revista da Tradição Lusitana* n.º 6, 1.º semestre de 2019, pp. 90-108 – ISSN: 2183-8690-06.
- "Folhas na Druidade – Processos Teogénicos, Antropogénicos e Ético Ontológicos na Tradição Céltica Lusitana", in *A Revista da Tradição Lusitana* n.º 6, 1.º semestre de 2019, pp. 15-24 – ISSN: 2183-8690-06.
 - "Filosofia Prática das Essências ou uma Teoria dos Referenciais para um Autoconhecimento Prático", publicado em *Revista Plural-Idades* n.º 3, 2.º semestre de 2018, pp. 161-185 – ISSN: 218-390-42.
 - "*Jus Spiritum Atlanticum*: da saudade como sentimento radical em Teixeira de Pascoaes a uma Askesis por via da Grande serpente Cósmica ou o Arquí-Passível em Philéas Lebesgue", Annabela Rita, José Eduardo Franco, Sofia A. Carvalho [coord], publicado em *Teixeira de Pascoaes: Pensamento e Missão* Vol III, Lisboa, Colibri, 2017, pp. 63-72.
- Sérgio, António, "Espectros", "Ainda os Espectros", in *Obras Completas. Ensaios*, Tomo I, Edição Crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1971.
- "Lusitanos e Romanos", in *Obras Completas. Ensaios*, Tomo VIII, Edição Crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1974.
- Vatos, Adgatia, "A Foz como Lugar de Encontro: Philéas Lebesgue & Teixeira de Pascoaes", in *A Revista da Tradição Lusitana*, n.º 8, Novembro, 2017.